

UMA ANÁLISE DA ORALIDADE NAS WEBCOMICS DO ARMANDINHO

Priscilla Cardoso da Silva (UEMS)

priscilla30pietra@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho trata da análise da oralidade nas *webcomics* do Armandinho, tirinha de autoria do agrônomo e publicitário Alexandre Beck, que ganhou grande repercussão nas redes sociais em 2013 ao fazer uma homenagem às vítimas do acidente em Santa Maria, Rio Grande do Sul, na boate Kiss. As tirinhas do menino Armandinho apresentam temas polêmicos como língua, críticas sociais e inquietações do cotidiano. Propõe-se considerar as tirinhas virtuais do personagem Armandinho, observando as variantes da norma culta e popular presentes em suas histórias, a representação da oralidade e também a circulação dessas na internet, meio em que se popularizou Armandinho. Conceituando a variação linguística que ocorre entre a escolha de se usar a norma culta ou a norma padrão está presente em diversos gêneros textuais. Nas tirinhas do Armandinho a uma opção, geralmente, pelo uso da norma culta.

Palavras-chave: Oralidade. Webcomics. Armandinho.

1. Introdução

Este trabalho propõe analisar as tirinhas virtuais do personagem *Armandinho*, observando as variantes da norma culta e popular presentes em suas histórias, a representação da oralidade e também a circulação dessas na internet, meio em que se popularizou *Armandinho*.

Entende-se por variação linguística o uso de um elemento no lugar de outro, de forma que não provoque mudança de significado.

Segundo Monteiro *apud* Pereira (2014, p. 67), “as regras variáveis aplicam-se sempre quando duas formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social”. Em outras palavras, a variação é um fenômeno que implica a existência de formas linguísticas alternativas, ou seja, a possibilidade de se substituir um elemento por outro sem a perda de sentido. Essas variantes são chamadas tecnicamente de *variável dependente*. Esta é considerada dependente no sentido de que o “emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de nature-

za social ou estrutural”. (MOLLICA, 2007, p. 11)

A variação linguística que ocorre entre a escolha de se usar a norma culta ou a norma padrão esta presente em diversos gêneros textuais. Nas tirinhas do *Armandinho* a uma opção, geralmente, pelo uso da norma culta. Ora isso despertou minha curiosidade, tendo em vista que nos quadrinhos populares, onde o aspecto da oralidade é mais marcante, a presença da norma culta é desprestigiada, pois procura aproximar o leitor da oralidade.

As histórias em quadrinhos são narrativas feitas quadro a quadro com desenhos e textos apresentados nos famosos “balões” que empregam o *discurso direto*, característico da língua falada.

[...] oralidade com um recurso que, conforme dito inicialmente, mescla dois códigos: o verbal (balões de falas dos personagens, onomatopéias, legendas) e o visual (quadrinhos, formatos de montagem e outros recursos)? Como isso pode ser feito se os personagens se quer emitem sons? “Eles realmente não falam”, diz Vagueiro (2005a: 56), “no entanto os leitores lêem suas palavras e têm a impressão de ouvi-las em suas mentes”. Seria essa impressão causada pelo recurso dos balões, que condensa a fala dos personagens. Na verdade, quem solucionou a “charada” foi Urbano (2000b). Ao estudar a presença da oralidade em contos de Rubem Fonseca, resolveu a questão com auxílio do termo *representação*. Trata-se da *representação* do oral no escrito. (RAMOS, 2006)

A tentativa de expressar a oralidade é uma característica bem comum nos quadrinhos populares. Porém, como já dito, é visível nas tirinhas do *Armandinho* a redução desse aspecto, pois as estruturas frasais chegam bem próximas a norma culta.

Na presente proposta de projeto também será levado em consideração o meio em essa tirinha ganhou grande repercussão, a internet. Nesses meios passam a ser denominadas como *webcomics* ou *webquadrinhos*.

No que se refere especificamente aos quadrinhos, existem diferentes maneiras de adaptá-los às novas mídias, sendo a mais comum a digitalização de uma história produzida da forma convencional (com desenho a lápis e finalizadas com tinta), que pode ser enviada pelo autor por e-mail ou postada em um site ou blog. Mas há, também, artistas que elaboram suas histórias em quadrinhos com ferramentas digitais e as veiculam na internet. (SANTOS; CORRÊA; TOMÉ, 2012, p. 119)

Outro aspecto que é relevante ser dito, quando se fala em *webcomics*, é de que,

Quando pensamos nos *webcomics* os leitores tem que estar mais atentos ao que está acontecendo ao seu redor, pois é uma das características presentes

nas plataformas digitais utilizar de grandes fatos ocorridos criticar o que acontece ao redor do mundo. Essa crítica está ligada a liberdade que esse meio permite aos seus criadores e a repercussão é muito maior do que os quadrinhos impressos. Ainda sobre a linguagem dos quadrinhos não se pode esquecer que se deve construir um sentido durante o processo de leitura. (ARANTES; TURAÇA; GOMES, 2013, p. 122)

O presente estudo procura fazer a distinção entre o discurso escrito e o falado apresentado nas histórias em quadrinhos do personagem *Armandinho* visto que estes oferecem uma análise mais significativa por apresentarem um texto mais culto e de importância social.

2. Entendendo a variação linguística

Entende-se por variação linguística o uso de um elemento linguístico no lugar de outro, de forma que não provoque mudança de significado. Em outras palavras, teoria da variação linguística estuda as variações da língua em uso na sociedade.

Segundo Monteiro *apud* Pereira (2014, p. 67) “as regras variáveis aplicam-se sempre quando duas formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social”.

A esse respeito Mollica diz que

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonó-morfossintáticos, os semânticos, discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto das variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). (2007, p. 11)

Logo, a observação das variantes linguísticas não depende somente dos fatores fonológicos como muitos ainda confundem erroneamente, tendo em vista que, ao estudo das variantes linguísticas cabem também as estruturas morfológicas, sintáticas, semânticas etc.

A variação linguística é um fenômeno que implica a existência de formas linguísticas alternativas, ou seja, a possibilidade de se substituir um elemento por outro sem a perda de sentido. Essas variantes são chamadas tecnicamente de *variável dependente*. Esta é considerada dependente no sentido de que o “emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de nature-

za social ou estrutural”. (MOLLICA, 2007, p. 11)

Naro traz alguns exemplos a esse respeito em *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*.

[...] a língua dispõe de duas ou mais formas variantes que podem ser usadas pelo falante sem grades alterações na mensagem transmitida. (...) na fonologia, onde coexistem variantes como *peixe/pexe* (com ou sem ditongo) (...). Na morfologia os exemplos são parecidos: participios duplos do tipo *pego/pegado*, concordância nominal na língua informal (umas casinhas bonitinhas/ umas casinhø bonitihø). (...) à sintaxe, as variantes podem carregar uma diferença mais sensível na mensagem transmitida, mas não deixa de oferecer opções ao falante, que pode escolher entre ativa e passiva [...]. (2007, p. 15)

A variação linguística, segundo Mollica (2007, p. 12) pode ocorrer em dois eixos *diatópico* e *diastrático*. No *diatópico* as variações consideram os fatores geográficos/regionais; no *diastrático* as variações linguísticas revelam os diferentes aspectos sociais.

Um exemplo claro de uma variante geográfica são os *dialetos*, marcas regionais, a palavra *mandioca*, por exemplo, em algumas regiões recebe a nomenclatura *aipim* e *macaxeira*. Ou seja, são as diferentes formas de pronuncia e vocabulário entre diferentes regiões. Já as variações sociais estão ligadas aos grupos sociais de uma maneira geral, cabendo aí nível sócio econômico, grau de escolaridade, idade, sexo e meio social, podemos citar como exemplo as gírias e jargões.

3. Conhecendo um pouco das histórias em quadrinhos

O gênero histórias em quadrinhos é formado por um conjunto de características que se complementam para constituí-lo e defini-lo. “Para se estabelecer algum tipo de definição sobre HQ, é preciso pensar no conjunto de características que compõem a estrutura desse objeto de estudo, reconhecendo-as como texto, e, consequentemente, como gênero”. (AMARAL; GOMES; RODRIGUES, 2013)

Os gêneros textuais são instrumentos de mediação entre o sujeito e o outro, entre o sujeito e o objeto, entre sujeito e uma dada atividade, enfim o uso do gênero na esfera social, Bakhtin (1979). Assim, os gêneros são textos variados produzidos no cotidiano para estabelecer comunicação, sendo impossível se comunicar sem a utilização dos mesmos. Esses diversos textos produzidos no dia a dia abrangem desde um simples bilhete até uma tese de doutorado.

Neste contexto, o gênero é visto como instrumento, “um instrumento para agir linguisticamente”, pois ele estabelece uma possibilidade de comunicação social. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 171).

Desta forma, observa-se que os gêneros textuais estão indissociáveis das práticas de comunicação, tendo em vista que são utilizados para que haja interação social. Sendo assim, de acordo com Marcuschi

[...] os gêneros se configuram de maneira plástica e não formal; são dinâmicos, fluindo um do outro e se realizando de maneira multimodal; circulam na sociedade das mais variadas maneiras e nos mais variados suportes. Exercem funções sócio-cognitivas e permitem lidar de maneira mais estável com as relações humanas em que entra a linguagem. (MARCUSCHI, 2008, p. 20).

Em relação aos gêneros fluírem um do outro, nota-se os princípios bakhtianos da “transmutação dos gêneros”. Bakhtin fala que os gêneros não são totalmente novos, mas sim uma evolução dos gêneros já existentes, pois, segundo ele, os mesmos se modificam conforme as evoluções tecnológicas. Porém, não são propriamente as tecnologias que originam novos gêneros, e sim os usos da tecnologia e sua interferência nas atividades comunicativas diárias, que proporcionam o surgimento de novos gêneros, ou simplesmente *transmutam-se* alguns gêneros, ou assimila-se um gênero por outro constituindo assim, novos gêneros. (MARCUSCHI, 2008, p. 15)

Ou seja, os novos gêneros não são inovações absolutas, mas sim uma transformação, uma evolução dos gêneros que já circulam na esfera do discurso. “Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se.” (MARCUSCHI, 2008, p. 16)

Nesse sentido, de dinamicidade e multimodalidade dos gêneros, as histórias em quadrinhos são apropriadas. Pois, segundo Bakhtin *apud* Vieira os quadrinhos possuem:

Características da oralidade e da escrita apontando os quadrinhos como gênero secundário, pois “durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (VIEIRA, 2007, p. 258)

Corroborando com Vieira, Marinho afirma que

As histórias em quadrinhos constituem um gênero discursivo secundário que, para Bakhtin (1993) aparecem em circunstâncias de comunicação cultural na forma escrita e que, muitas vezes em função do enredo desenvolvido, englobam os gêneros discursivos primários correspondentes a circunstâncias de

comunicação verbal espontânea. (2004)

As histórias em quadrinhos são gêneros textuais que possuem aspecto tipológico narrativo, predominante, porém “por sua heterogeneidade tipológica, os quadrinhos podem apresentar também sequência do tipo argumentativa e injuntiva” (MARCUSCHI, 2010).

Segundo Vieira (2007) a linguagem presente nos quadrinhos é delimitada segundo o público alvo, de maneira direta, simples e adequada.

Tem fortes marcas de oralidade e registro informal, com gírias, reduções vocabulares, expressões idiomáticas, contrações, interjeições e onomatopéias. Os verbos apresentam-se em diversos tempos, sendo difícil determinar sua predominância. As frases são carregadas de pontos de exclamação e de interrogação no intuito de reproduzir graficamente a entonação do diálogo informal. (VIEIRA, 2007, p. 260)

Logo, estão presentes nas histórias em quadrinhos diversas características do discurso falado e também da escrita. Podemos perceber no discurso falado gírias, interjeições e até expressões idiomáticas. No que se refere ao discurso escrito verifica-se o uso da norma coloquial, com a colocação pronominal e verbal e as marcas de plural bem estabelecidas nas frases.

Há também as tirinhas que seguem a mesma linha, porém, são menores e são publicadas em espaços reservados a elas, como revistas e jornais, diferente das histórias em quadrinhos que tem um suporte específico, os gibis e, muitas vezes revistas próprias somente com as histórias em quadrinhos.

Porém, há outros espaços onde são encontradas as histórias em quadrinhos e suas reduções, tirinhas, na internet. Nesse meio são classificadas como *webcomics*. Foi a partir da década de 80 que “quadrinistas começaram a explorar os recursos abertos pela computação gráfica nas histórias em quadrinhos” (SANTOS; CORRÊA; TOMÉ, 2012)

No que se refere especificamente aos quadrinhos, existem diferentes maneiras de adaptá-los às novas mídias, sendo a mais comum a digitalização de uma história produzida da forma convencional (com desenho a lápis e finalizadas com tinta), que pode ser enviada pelo autor por e-mail ou postada em um site ou blog. Mas há, também, artistas que elaboram suas histórias em quadrinhos com ferramentas digitais e as veiculam na internet. (SANTOS; CORRÊA; TOMÉ, 2012, p. 119)

Outro aspecto que é pertinente ser dito, quando se fala em *webcomics*, é de que,

Quando pensamos nos *webcomics* os leitores tem que estar mais atentos

ao que está acontecendo ao seu redor, pois é uma das características presentes nas plataformas digitais utilizar de grandes fatos ocorridos criticar o que acontece ao redor do mundo.

Essa crítica está ligada à liberdade que esse meio permite aos seus criadores e a repercussão é muito maior do que os quadrinhos impressos. Ainda sobre a linguagem dos quadrinhos não se pode esquecer que se deve construir um sentido durante o processo de leitura. (ARANTES; TURAZA; GOMES, 2013, p. 122)

Uma tirinha que vem ganhando prestígio na internet, mais especificamente nas redes sociais, desde janeiro de 2013, são as tirinhas do personagem *Armandinho*, um garotinho que contesta o mundo e faz travessuras. Podemos dizer que é uma mistura brasileira dos personagens Calvin e Mafalda. Criado por Alexandre Beck, um agrônomo, publicitário e ilustrador.

Armandinho é uma tirinha publicada no caderno variedades do jornal *Diário Catarinense* e no jornal *Hora de Santa Catarina*, porém, em 2013 ganhou notoriedade nas redes sociais após uma tira em homenagem ao acidente em Santa Maria, na boate Kiss, ao ser compartilhada muitas vezes.

O autor, Alexandre Beck, aborda vários temas pertinentes à língua, críticas sociais e inquietações do cotidiano, típico de do gênero tirinha, levando em conta o meio em que circula.

Veja alguns exemplos:



O tema da primeira tirinha são resultados das eleições em nosso país, e demonstra que devemos refletir sobre a responsabilidade que exercemos sobre as decisões que os políticos que elegemos tomam.

Na segunda tirinha, *Armandinho* fala sobre um problema que tem

causado muitos danos a sociedade, a raiva. Um sentimento que destrói a capacidade de um raciocínio lógico e deixa as emoções tomarem conta de nossas ações, o que, na maioria das vezes, causa vários desastres.

4. Oralidade nas histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos são histórias narradas quadrinho por quadrinho com desenhos e textos apresentados nos famosos “balões” que empregam o *discurso direto*, característico da língua falada.

Um primeiro estranhamento que pode – e deve – surgir no trato do tema é como ensinar oralidade com um recurso que, conforme dito inicialmente, mescla dois códigos: o verbal (balões de falas dos personagens, onomatopéias, legendas) e o visual (quadrinhos, formatos de montagem e outros recursos)? Como isso pode ser feito se os personagens se quer emitem sons? “Eles realmente não falam”, diz Vagueiro (2005³, p. 56), “no entanto os leitores leem suas palavras e têm a impressão de ouvi-las em suas mentes”. Seria essa impressão causada pelo recurso dos balões, que condensa a fala dos personagens. Na verdade, quem solucionou a “charada” foi Urbano (2000b). Ao estudar a presença da oralidade em contos de Rubem Fonseca, resolveu a questão com auxílio do termo *representação*. Trata-se da *representação* do oral no escrito. (RAMOS, 2006)

Nesse sentido Ardoim afirma que,

[...] existem textos escritos situados bem próximo ao âmbito da fala e, por outro lado, textos falados que se aproximam da escrita formal. Entre eles, encontramos também tipos de textos que misturam as características pertinentes às duas possibilidades mencionadas. Não há como questionar qualquer distinção entre a fala e a escrita. Existem diferenças estruturais justificadas pelos pesquisadores porque apresentam diversidade no que diz respeito ao modo de aquisição, na condição de produção, transmissão e recepção e nos meios em que se organizam.

A tentativa de expressar a oralidade é uma característica bem comum nos quadrinhos populares. Porém, é visível nas tirinhas do *Armandinho* a redução desse aspecto, pois as estruturas frasais chegam bem próximas a norma culta.

Veja:



Apesar de ser uma criança, *Armandinho* apresenta uma linguagem bem estruturada, que privilegia a norma culta do português brasileiro. Ora nos quadrinhos populares, o aspecto da oralidade é mais marcante, a presença da norma culta é desprestigiada, tendo em vista que procura aproximar o leitor da oralidade.

Além dessa maneira de falar, *Armandinho* traz em seu diálogo um assunto ético importante que é a responsabilidade pelo que se compartilha na internet, tema não debatido, geralmente, em quadrinhos comuns. A representação de *Armandinho* como uma criança causa mais estranheza a temática abordada e isso acaba despertando a curiosidade no leitor.

Portanto, o gênero histórias em quadrinhos considera a fala coloquial (cotidiana), com temática simples, também retiradas do dia a dia, porém, as histórias em quadrinhos que tem como personagem o menino *Armandinho* destacam-se por apresentarem uma linguagem culta e elaborada, sendo que o personagem é uma criança, e assuntos polêmicos que afetam nossa sociedade provocando o desenvolvimento do pensamento crítico do leitor.

5. *Considerações finais*

No decorrer da análise sobre as histórias em quadrinhos percebe-se que a formação do gênero é composta por várias características que se complementam. Uma das principais peculiaridades desse gênero a tentativa de representar a oralidade fazendo uma relação entre o discurso oral e o escrito.

Logo, podemos perceber no discurso falado gírias, interjeições e até expressões idiomáticas. No que se refere ao discurso escrito verifica-se o uso da regra coloquial, com a colocação pronominal e verbal e as marcas de plural bem estabelecidas nas frases.

Portanto, o gênero histórias em quadrinhos considera a fala coloquial (cotidiana), com conteúdo simples, também retiradas do dia a dia. Porém, as histórias em quadrinhos que tem como personagem o menino *Armandinho* destacam-se por apresentarem uma linguagem culta e elaborada, sendo que o personagem é uma criança, e assuntos polêmicos que afetam nossa sociedade provocando o desenvolvimento do pensamento crítico do leitor.

Em consequência, afirma-se que autor de *Armandinho*, Alexandre Beck, aborda vários pontos pertinentes à língua, críticas sociais e inquietações do cotidiano, típico do gênero tirinha, levando em conta o meio em que circula.

Por isso, as variações sociais estão ligadas aos grupos sociais de uma maneira geral, cabendo aí nível sócio econômico, grau de escolaridade, idade, sexo e meio social, podemos citar como exemplo as gírias e jargões.

Conclui-se que, diferente da maioria das histórias em quadrinhos as produções feitas com o personagem *Armandinho* apresenta uma norma culta com temas de grande relevância social provocando a criticidade, pretendendo levar uma nova postura diante dos problemas sociais. Utilizando o gênero HQ de forma inovadora, ou seja, estimulando o intelecto do leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Elisângela da S.; GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, Marlon L. O percurso dos quadrinhos como instrumento para o ensino de língua portuguesa. *Web Revista Discursividade*. 12. ed. 2013. Disponível em:

<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/12.1/Arquivos/amara_lrodriguesgomes.pdf>. Acesso em: 16/04/2014.

ARANTES, Taís Turaça; TURAÇA, Vanessa de Oliveira Garcia; GOMES, Nataniel dos Santos. A linguagem dos webquadrinhos. *Revista Philologus*, ano 19, n. 57, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013, p. 117-124. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/57supl/11.pdf>>. Acesso em: 05-10-2014.

ARDOIM, Telma. *Os ecos da oralidade na música popular brasileira*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/19.htm>>. Acesso em: 03-10-2014.

DUARTE, Vânia. Variações linguísticas. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>>. Acesso em: 07-10-2014.

MAIA, Catarina. *Variação linguística*. Disponível em: <<http://resumoss.blogspot.com.br/2008/04/variao-lingustica.html>>. Acesso em: 09-06-2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir M; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARINHO, Elyssa Soares. História em quadrinhos: a oralidade em sua construção. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-11.html>>. Acesso em: 09/06/2014.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 09-14

NARO, Anthony Julius. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 15-25

O CALVIN brasileiro. *Revista Samuel*. Abril de 2013. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/blog/samuel/artimanhas/o-calvin-brasileiro>>. Acesso em: 05-10-2014.

PEREIRA, Rubens César F. Discorrendo sobre a sociolinguística variacionista e o preconceito linguístico. *Revista Philologus*, ano 20, n. 58, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2014, p. 64-73. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vi_sinefil/textos_completos/Discorrendo%20sobre%20a%20sociolingu%C3%ADstica%20variacionista%20-%20RUBENS.pdf>. Acesso em: 24-05-2014.

RAMOS, Paulo. É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos? *Revista Intercâmbio*, vol. XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/3688/2413>>. Acesso em: 09-06-2014.

SANTOS, Roberto dos; CORRÊA, Victor; TOMÉ, Marcel Luiz. As histórias em quadrinhos na tela do computador. *Revista Comunicação Midiática*, vol. 07, n. 01, São Paulo: UNESP, 2012. Disponível em: <<http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidia/tica/issue/view/11/showToc>>. Acesso em: 05-10-2014

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VIEIRA, Maria Gracinda. As histórias em quadrinhos e os gêneros textuais: leitura e prazer nas tirinhas. In: GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal (Orgs.). *Para o alto e avante: textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2012, p. 235-262